

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

SUBMISSÕES PARA GRUPO DE TRABALHO (GT)

As submissões estarão abertas de **20 de janeiro a 28 de fevereiro de 2024**. Cada autora/or poderá submeter **no máximo um trabalho** como autora/or principal. Trabalhos que não corresponderem às áreas temáticas e não respeitarem às diretrizes de submissão serão reprovados. A autoria do resumo não deve estar no corpo do resumo. As submissões serão realizadas na página do evento na plataforma Even3, na aba de submissões.

Educação	4
1. Las niñeces de Goree o negras, en la lucha por la visibilidad epistémica	4
2. A educação antirracista por meio da literatura: estratégias e práticas para a sala de aula	5
3. Química Negrorreferenciada: um exercício de inovação em C&T	5
4. Diálogos insubmissos para práticas de ensino nas salas de aula de línguas: encruzilhando raça, gênero, sexualidade e classe	6
5. Por uma sala de aula queer e antirracista: práticas e estratégias para a construção de espaços de ensino/aprendizagem mais abertos e democráticos... ..	7
6. Literatura, Memória e identidade cultural: o pensamento decolonial nas literaturas africanas de língua portuguesa, afro-brasileiras e indígenas	8
7. Didáticas Antirracistas: da formação à ação	9
8. Matemática, Etnomatemática e suas Interseccionalidades na Educação numa Perspectiva Decolonial	10
9. Formação docente e relações étnico-raciais: avanços e desafios da formação inicial e continuada	11
10. Equipes Multiprofissionais, combate ao racismo e ensino de história e cultura afrobrasileira, africana e indígena	11
Discurso	13
11. Narrativas Entrelaçadas: Gênero, Raça e a Resiliência dos Insurgentes em Expressões Artísticas	13
12. Epistemologias afrodiaspóricas: articulações entre discurso e afroperspectividade	13

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

13.	Discurso, raça e mídias digitais na América Latina.....	14
14.	Discurso, Direitos Fundamentais e Luta de Classe.....	15
15.	Poéticas da memória e das existências: literatura negro-brasileira como narrativa contracolonial	16
16.	Discursos, interseccionalidade e decolonialidades: processos de dominação e resistências	17
17.	Questões de raça e racialização nos estudos do discurso: mapeando linguagens, teorizações e objetos na história do presente	18
18.	Discurso, racialização e negritude: corpo como gesto político e de identidade.....	18
19.	Interseccionalidade(s), Opressão Epistêmica e Resistência: enfocando as lentes para a igualdade e a justiça social a partir de Patrícia Hill Collins	19
20.	Ensino e Aprendizagem e os estudos discursivos da Linguística Aplicada	20
Memórias Negras.....		22
21.	Memória e Turismo no contexto de debates emergentes	22
22.	Enegrecendo as memórias: oralidade, Serviço Social e outras áreas do saber	23
23.	Memórias Negras: educação, raça, história, e religiosidade na América Latina e Caribe	23
24.	Musicalidades africanas e afro-diaspóricas como repositórios da memória negra no Brasil.....	24
25.	Memorias negras en el Caribe: Ancestralidades, enfoques, actualidades y desafíos	25
26.	Cultura visual e memórias negras	26
27.	Pretuguês: entre o antropológico, o político e o linguístico.....	26
28.	Epistemologias de Terreiro: Memórias de axé para uma outra educação possível	27
29.	Negaciones, ocultamientos y silencios sobre las vidas y los cuerpos mujeres afrodescendientes en América Latina y el Caribe.....	28
Gênero e Sexualidade		30
30.	Masculinidades negras em questão: discutindo sexualidades, raça, classe social, faixa etária, territorialidades, religião, entre outras.....	30
31.	Mulheres negras, processos de luta e resistência nos territórios rurais na América Latina	30



V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

32.	Las mujeres negras/afrodescendientes en los procesos de emancipación en América Latina y el Caribe. Perspectivas históricas y contemporáneas.....	31
Democracia e Incidência Política		33
33.	Políticas públicas de enfrentamento ao racismo, sistema de justiça e democracia na América Latina	33
34.	(Anti)Racismo e Direito à Cidade	33
35.	Desigualdades Socioeconômicas, Racismo en América Latina y el Caribe	34
36.	Direito e Relações Raciais.....	35
Saúde		37
37.	Saúde mental e as interseccionalidades em relações étnico-raciais, gêneros e sexualidades na atenção psicossocial	37
38.	Racismo e saúde: diálogos, perspectivas e desafios para construção de espaços plurais de cuidado	38

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Educação

1. Las niñeces de Goree o negras, en la lucha por la visibilidad epistémica

Maria Isabel Mena G, Flávio Santiago

Este grupo de trabajo, surgido de las juntanzas del colectivo de estudios de África en la escuela/Seminario niñeces de Gore, cuya intención despliega un intenso cabildeo para posicionar una noción de infante racializado cuya experiencia histórica aún es opaca en la historiografía tradicional sobre los menores de edad, por ello, el colectivo tiene en el centro de sus preocupaciones la idea del niño africano, cuyo devenir, debemos conocer a plenitud para otorgarles potencia o debiéramos insistir en el significado de ser niño en la época de la esclavitud, o identificar las implicaciones de nombrarse como sujeto de raza tanto en la larga duración, como en el tiempo contemporáneo. Por esa sentida necesidad que los niños de la negritud, sean agentes y sujetos de su tiempo, para honrar dada las situaciones de racismo y discriminación racial que enfrentan desde los primeros momentos de su ciclo vital, merecen que esta mesa de trabajo ubique los rostros y rastros de este conjunto de renacientes. Por demás, el debate de la creación de prejuicios y estereotipos insertos en la cultura escolar que hacen del lápiz color piel, un dispositivo de gran riesgo para la construcción de identidades tempranas en la infancia, amerita, toda la atención posible u ocuparse de la mejor forma de nombrarlos como sujetos históricos, así como las nociones de la participación de esos menores en políticas públicas o los debates en torno a la oferta de literatura infantil de cuño antirracista es la mejor manera de contribuir a los retos de una agenda en perspectiva de la niñez para lo cual hemos movilizad al activismo sensible a este campo de estudios. Los resultados de esta juntanza han sido prolíficos, una red de estudios en niñeces de Goré conformada por países hermanos como Venezuela, Brasil y Colombia, unas memorias digitales que dan cuenta de las múltiples perspectivas que se articulan alrededor de las niñeces, perspectivas en torno a proyectos de investigación interseccionales y la conciencia de un profundo vacío epistemológico que es necesario asumir con la necesaria beligerancia ante la colonización de la cual está presa la literatura sobre el niño en las américas. En este contexto, el racismo prohíbe la vida, estructurando una muerte social, desgarrada más allá del propio sentimiento de duelo, ya que, “en el racismo, la negación se utiliza para mantener y legitimar estructuras violentas de exclusión [...] el sujeto negro se convierte entonces en aquello que que el sujeto blanco no quiere ser relacionado” (KILOMBA, 2019, p. 34). Así mismo, animamos a los liderazgos antirracistas para que participen de este espacio, reflexionemos sobre los derechos de maternaje y nos podamos articular en nuevas preguntas de trabajo, donde los niños, las escuelas y su red de cuidadores, sean protagonistas principales de las preocupaciones que guían este tipo de alianzas diaspóricas. Preguntas que permitan a las niñeces de Gorée, narrar, por ejemplo: sus experiencias escolares, familiares, comunitarias, como sujetos racializados, pero al mismo tiempo, visibilizar sus apuestas éticas, estéticas y políticas para habitar contextos más dignos, justos y humanos.

Palavras-chave: Niñeces de Goree; Niñeces negras; Racismo; Interseccionalidade.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

2. A educação antirracista por meio da literatura: estratégias e práticas para a sala de aula

Érica Alessandra Fernandes Aniceto, Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis

Sabe-se que as relações sociais no Brasil são permeadas pelo racismo, e que ele se manifesta nos mais diversos espaços institucionais, entre eles, a escola. Historicamente, é sabido que, desde a chegada dos portugueses em terras brasileiras, o indígena e o negro foram colocados em condições de subordinação, sendo-lhes negadas condições de exercerem sua cultura, religiosidade, crenças etc. Nesse contexto, a cultura europeia foi privilegiada no Brasil, que foi colonizado por europeus. Envoltos nessa cultura eurocêntrica, o ensino nas escolas brasileiras, muitas vezes, privilegia essa influência europeia, ignorando a vasta diversidade cultural que a população brasileira abarca. No entanto, é instigante problematizar que, num país onde mais da metade da população se autodeclara preta ou parda (55,9%, segundo o IBGE), certamente, aprender na escola apenas a história dos brancos europeus é, no mínimo, contraditório. A Lei 10639/03, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade de se trabalhar a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, apontou a necessidade de formação dos professores para a implementação efetiva desse tema em sala de aula. Considerando que a referida lei recomenda que a abordagem da temática enfatize a importância da cultura africana para a formação da sociedade brasileira, este GT visa à promoção de uma educação antirracista, discutindo a importância da literatura negra (e brasileira) no ensino de língua materna e também à proposição de reflexões sobre as práticas antirracistas a partir de vivências em salas de aula de Ensinos Fundamental e Médio. Pretendemos, com isso, propiciar discussões que possibilitem um fluxo de recriação de novos e positivos olhares sobre a cultura afro-brasileira, apresentando a literatura como parte do processo de construção de identidade da população brasileira, além de promover a valorização da ancestralidade e das culturas afro-brasileiras. Em síntese, este GT objetiva, além de apresentar a literatura como norteador de desenvolvimento do senso crítico e a cidadania, contribuir para a desconstrução dos estereótipos presentes em discursos que circulam na sociedade. Serão aceitos trabalhos, relatos de experiência, discussões e reflexões que dialoguem com a temática proposta nesse GT: Literatura negra; Literaturas africanas; Literatura negra e ancestralidade; escrevivência, entre outros.

Palavras-chave: Lei 10639/03; Literatura negra; Educação Antirracista; Escrevivência; Ancestralidade.

3. Química Negrorreferenciada: um exercício de inovação em C&T

Anna M Canavarro Benite, Gabriela Pereira Nunes dos Santos

O objetivo desse grupo de trabalho (GT) é agrupar trabalhos produzidos por pesquisadores nas áreas de ciências e suas tecnologias em perspectiva negrorreferenciada, valorizando saberes tradicionais oriundos de contribuições culturais africanas no Brasil. Concebendo que se torna essencial a democratização dos saberes,

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

em contraponto aos saberes monocráticos das aulas e da produção das Ciências Químicas, defendemos a existência de outros recortes da realidade que também possuem validade e sentido: o conhecimento tradicional. Este, que resulta de práticas assim como o conhecimento científico, tem premissas que os distinguem. O saber tradicional é passado, presente e futuro, transmitido e preservado pelas gerações, que não opera sobre a regra da universalidade (Menezes; Veiga, 2016). No entanto, a cultura científica que se ensina e produz nas instituições escolares é a Ciência Moderna que estabelece como norma a verdade, crítica e objetiva, independente dos sujeitos que a comunicam. Operando com unidades conceituais, é codificado, aprendido e reproduzido formalmente (Menezes; Veiga, 2016). Neste sentido, é preciso ter cuidado, pois a essa é atribuída uma leitura europeia, branca, cristã e masculina sendo comumente direcionado seu ensino e sua pesquisa ao mesmo grupo social que tem prevalência histórica na sociedade, criando estereótipos. Por isso, torna-se essencial a democratização dos saberes. Os povos tradicionais no Brasil ocupam cerca de ¼ do território e seus conhecimentos, tal como o conhecimento científico, também são racionais e investigativos e apesar de ambos procurarem entender e agir sobre o mundo possuem características distintas. Como são obras abertas, se relacionam com seus praticantes e não são dependentes de acervos estáticos (Menezes; Veiga, 2016). Considerando tais pressupostos, este GT propõe discutir o contexto dos saberes de comunidades tradicionais, compreendido aqui como atividades makers, incluindo a diversidade como proposta de inovação no ensino de ciências/ química. Centrada na ação de indivíduos negros e negras, esta proposta visa a promoção e ampliação do debate de pesquisas quem envolvam a relação com o conhecimento tradicional, valorizando-o e reconhecendo-o no âmbito científico. Esta é uma proposta para conhecer, debater e visibilizar as experiências interculturais nos currículos de ciências e suas tecnologias.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional; Maker; Ensino de ciências; Pesquisa; Divulgação de ciências/química.

4. Diálogos insubmissos para práticas de ensino nas salas de aula de línguas: encruzilhando raça, gênero, sexualidade e classe

Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa, Kelly Barros Santos

Proximamente, estamos presenciando o surgimento de muitos trabalhos que se debruçam em (re)pensar a educação linguística, reconhecendo-a como um conjunto de ações que engloba diferentes dimensões que vão desde o próprio processo de ensino/aprendizagem, passando pela formação de professores, mudança de currículos, renovação de materiais didáticos, novas propostas de avaliação e certificação, discussão sobre políticas linguísticas, tendo em vista as mais diversas demandas da contemporaneidade e a(o)s sujeita(o)s implicada(o)s nesse processo. Desde a perspectiva do pós-método (KURAMAVADIVELU, 2001, 2006 e ORTALE, 2023), a Educação Linguística Intercultural SCHEYERL, D.; BARROS, K.; ESPÍRITO SANTO, 2014; MENDES 2022), as pedagogias decoloniais (SANCHES, 2002; LANDULFO e MATOS, 2021; LANDULFO 2022), a Educação para Justiça Social, (BARROS, 2021) e até os Letramentos (FERREIRA, 2012, 2015, 2021; BARCELOS, 2015), as discussões têm se ampliando e, por sua vez, esses

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

encadeamentos acabam por demonstrar que aprender línguas(gens) não é um processo compartimentado, quadrado, asséptico e sem os atravessamentos dos(as) sujeitos que desejam falar essa ou aquela nova linguagem. Nesse sentido, entendemos que pensar uma educação para as línguas é pensar em uma educação para o mundo, para a leitura do mundo, como meio de resistência aos discursos das histórias únicas (ADICHIE, 2019) que circulam na Academia aristocrata. Desse modo, por compreendermos que as escolas e as comunidades pedem a urgência de um aprendizado de línguas que promova o desmonte de um ensino cujas ações invisibilizam corpos periféricos, ignoram a diversidade de gêneros e de sexualidade e desconsideram a classe social como um elemento político inerente a esse processo, as questões que orientam esse GT são: Como pensar em ensino e aprendizagem de línguas interseccionalizados por raça, gênero, sexualidade e classe? Como pensar na construção de repertórios linguístico considerando a corporeidade das pessoas e os contextos históricos-sócio-cultural dos aprendizes e dos falantes da língua-alvo? É possível desenvolver uma Educação Linguística mais humana, crítica e menos excludente em diferentes contextos educacionais? Como produzir material didático que seja isento de motivações hegemônicas e etnocêntricas, inserindo temáticas importantes e necessárias para o desenvolvimento do pensamento decolonial e do letramento racial crítico? Como pensar em aulas de línguas consonantes com a Lei n. 10.639/2003, que determina escolas públicas e privadas a incluírem no currículo escolar o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana? E por fim, quais são os saberes e epistemologias necessárias para uma prática pedagógica intercultural/decolonial e emancipatória diante de um sistema/mundo colonial/capitalista/patriarcal/sexista/misógino/racista e transfóbico?

Palavras-chave: Educação Linguística; Justiça social; Interseccionalidade; Decolonialidade; Letramentos.

5. Por uma sala de aula queer e antirracista: práticas e estratégias para a construção de espaços de ensino/aprendizagem mais abertos e democráticos

Clarissa Gonzalez, Hellem Espíndola

Na contemporaneidade, o campo de estudos da linguagem tem se voltado para a abordagem de questões emergentes que envolvem inclusão, diversidade e equidade no contexto educacional. Este Grupo de Trabalho propõe uma imersão crítica na temática da construção de uma sala de aula que seja simultaneamente queer e antirracista. Com base em perspectivas teóricas e práticas, buscamos explorar e discutir estratégias que promovam um ambiente educacional mais inclusivo e democrático. Essa proposta se mostra alinhada com demandas contemporâneas por espaços educacionais mais reflexivos, sensíveis e respeitosos a performances de gênero, sexualidade, raça e classe não hegemônicas que contribuem para tensionar sentidos engessados e que, por isso mesmo, muitas vezes são marginalizadas em instituições escolares ainda ancoradas à colonialidade do saber, poder e ser (QUIJANO, 2005). No entanto, entendemos que onde há poder, há resistência. Consideramos, ademais, que aquilo que está à margem é iluminado porque “pode apresentar alternativas para a compreensão de nosso mundo ”

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

(MOITA LOPES, 2022, p. 20-21). Dada a relevância de dirigir nosso olhar para as múltiplas opressões sofridas por sujeitos que destoam do padrão branco cisheteronormativo de classe média-alta, propomos tratar dessas questões no ambiente escolar sobre o prisma da interseccionalidade, e, em sintonia com prerrogativas previstas nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, debater ações e perspectivas antirracistas, bem como práticas pedagógicas que promovam uma abordagem mais holística e inclusiva, em diálogo com outras cosmovisões e formas de se produzir conhecimento. Sendo assim, este GT se delinea como um fórum acadêmico para apresentação de pesquisas e relatos de experiência, intercâmbio de práticas e estratégias, métodos de ensino, propostas didáticas e recursos pedagógicos que possam contribuir para a formação de uma geração de docentes e discentes atenta às as complexidades da sociedade contemporânea e engajada com o propósito de torná-la mais equânime, aberta a outridades e a novos processos de letramento (aqui entendido como prática social). Nossos principais objetivos são: explorar e debater teorias queer e antirracistas aplicadas ao contexto da sala de aula; compartilhar práticas pedagógicas inovadoras que visem desconstruir estereótipos de gênero, sexualidade, raça e classe; investigar o impacto das práticas queer e antirracistas no ambiente de ensino/aprendizagem e fora dele; analisar desafios e barreiras enfrentadas na implementação de uma abordagem queer e antirracista na educação. Dito isso, destacamos que neste GT, concebido como um espaço de diálogo e colaboração, são bem-vindes estudantes, pesquisadores, educadores e todes que estejam interessadas/os nessa discussão vital para a transformação positiva do ambiente educacional contemporâneo.

Palavras-chave: Perspectivas antirracistas; Teorias queer; Letramento como prática social.

6. Literatura, Memória e identidade cultural: o pensamento decolonial nas literaturas africanas de língua portuguesa, afro-brasileiras e indígenas

Ana Claudia Servilha Martins Poletto, Adriana Lins Precioso

O presente simpósio visa reunir pesquisas relativas às literaturas africanas de língua portuguesa, afro-brasileiras e indígenas no que tange os conceitos sobre memória, identidade cultural e pensamento decolonial no campo literário. Considerando a perspectiva crítica de Benjamin Abdala Jr. (2002) é imprescindível dar significação “a um grupo ou território, que luta pelo direito à diferença”. Nessa perspectiva, questões de identidade, cultura e memória se inter-relacionam e perpassam obras de intelectuais das letras que buscam o caminho possível de legitimações e representações pela ficção. Em consonância com o pensamento de Edward Said (2003, p. 251), muitos escritores contemporâneos “funcionam como uma espécie de memória pública: lembram o que foi esquecido ou ignorado, fazem conexões, contextualizam e questionam aquilo que aparece como “verdade” definitiva”. Na contemporaneidade, diversas são as identidades culturais que questionam discursos que ainda priorizam histórias únicas. As ações coletivas de diversos corpos historicamente subalternizados sempre foram fundamentais para o exercício de ressignificação do direito a ter direito, sempre foram fundamentais para os ideais que debatem os meandros das relações entre colonizador e colonizado, cultura e

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

imperialismo, memória e identidade. Os estudos de Antonio Candido (2008), Ana Mafalda Leite (2010), Aníbal Quijano (1996), Benedita Damasceno (1998), Benjamin Abdala Jr. (2002), Conceição Evaristo (2008), Cuti (2010), Djamila Ribeiro (2017), Eduardo de Assis Duarte (2007), Edward Said (1995), Frantz Fanon (2007), Homi Bhabha (1998), Maria Nazareth Soares Fonseca (2014), Stuart Hall (2005) entre outros teórico-críticos contribuem para as abordagens propostas. Priorizamos, portanto, trabalhos que se centram em títulos e autores/as que, de algum modo, contemplam as políticas de ações afirmativas (as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008), através das quais debates voltados para a história e a cultura africana, afro-brasileira e indígena passaram a ser obrigatórios na educação básica brasileira. Partindo desses pressupostos, pretendemos visibilizar diálogos sobre escritas que trazem à cena protagonistas negros/as e indígenas, bem como evidenciar as produções que as tematizam, em intersecção com a formação de uma sociedade pautada em práticas decoloniais, humanizadas e emancipatórias.

Palavras-chave: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Literaturas Afro-brasileiras; Literaturas Indígenas; Memória; Identidade Cultural.

7. Didáticas Antirracistas: da formação à ação

Alessandra Pio, Celia Regina Crístico de Oliveira

Esta proposta parte da atuação de duas docentes negras da educação básica que dedicam, durante os últimos vinte anos, seus trabalhos e pesquisas à consolidação de uma educação antirracista. Ambas acreditam que este querer-saber-fazer infere metodologias, planejamentos, conhecimentos, posturas intrinsecamente alinhadas às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER). Entretanto é necessário reconhecer que integrar essas diretrizes aos currículos das licenciaturas ainda é uma realidade distante, o que se impõe como um obstáculo à superação do racismo. Diante desse desafio, convocamos à todas as pessoas em formação ou já atuantes na educação básica, para que tragam seus feitos didáticos, suas estratégias metodológicas e suas formas de alinhar as DCNERER aos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Percebemos que neste alinhamento reside a forma mais expressiva de evidenciar que as DCNERER nasceram para ser parte constitutiva do currículo nacional, não temática folclorizada e pormenorizada - desqualificando a Educação das Relações Étnico Raciais enquanto campo de conhecimento. Com o objetivo de reunir estudantes das licenciaturas e profissionais das diversas áreas de formação, aceitaremos: trabalhos de pesquisa (concluídos ou em andamento) que versem sobre a problemática descrita; relatos didático-metodológicos, que se alinhem à proposta; análises de currículos e ementas de cursos de licenciatura, que possibilitem ações para a superação da ausência das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 nesses espaços de formação; proposições e/ou trabalhos que tomem as questões raciais a partir de uma perspectiva interseccional; e demais trabalhos que contemplem a proposta deste GT. Cabe dizer, ainda, que a luta contra o apagamento das questões indígenas, contemplado pela última lei mencionada, é também escopo desta proposta, a partir do momento que compõe o Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, exatamente por isso, perpassa todas as possibilidades de trabalhos

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

a serem considerados nesta empreitada. Encorajamos, especialmente, nossas/os parceiras/os de trabalho que, por força de uma estrutura que exaure as/os profissionais da educação, acreditam que suas produções não sejam relevantes, ou que sua escrita não seja correta ou adequada. Será pela força de nossa chegada coletiva ao ambiente acadêmico que conseguiremos atingir a transformação que buscamos. Aguardamos vocês!

Palavras-chave: Didáticas Antirracistas; Educação Antirracista; Lei 10639; Lei 11645; Metodologia de Ensino.

8. Matemática, Etnomatemática e suas Interseccionalidades na Educação numa Perspectiva Decolonial

Elenice de Souza Lodron Zuin, Eliane Costa Santos

Desde a dita abolição, as lutas e ações de movimentos sociais demarcam a defesa da educação da população negra de forma a integrá-la na sociedade. Entre as muitas realizações, relativas à imprensa, podem ser citados: Jornais, com publicações a partir dos Oitocentos; Revistas (Senzala, Níger); Clubes negros e o grande marco, que é o TEN – Teatro Experimental do Negro – criado em 1944, por Abdias do Nascimento. Destaca-se a fundação do MNU – Movimento Negro Unificado – em 1978, integrando novas discussões e diretrizes que vão desencadear demandas e debates no cenário nacional, proclamando novas políticas e transformações nas esferas econômica, social e cultural. Portanto, nosso princípio básico se funda em pensar a Decolonialidade não como parte apenas dos decoloniais da modernidade, mas de Aimé Césaire, em “O discurso sobre o colonialismo”; Frantz Fanon, a partir de “Condenados da Terra”, de Paulo Freire, em suas “Cartas a Guiné Bissau”, fazendo eco com os estudos decoloniais da atualidade. Esse GT tem a preocupação de trazer para o debate pesquisas que versem sobre a Educação Decolonial (Santos, 2018), estudos em diálogo com o princípio básico da Etnomatemática (D’Ambrósio, 2001, 2019), nas “matemas” que não estão vinculadas, só e unicamente, com a matemática, mas, sim, com os diversos problemas, questões imbricadas na cultural local projetados no Glocal (Macedo, 2018). Faz-se necessário também discutir e apontar caminhos para o estabelecimento de currículos escolares na vertente de uma perspectiva decolonial. Neste sentido, os trabalhos (relatos de experiência e pesquisas concluídas ou em andamento com resultados parciais) podem conter: a) abordagens relativas às mudanças curriculares que procuram romper com a tradição eurocêntrica enraizada nas escolas; b) discussões sobre as leis 10.639/2003 e 11.645/2008; c) explicações concernentes ao letramento matemático e iniciativas no campo da matemática escolar que tenham um viés pela Etnomatemática; d) perspectivas históricas da matemática escolar ou de cursos de licenciatura de Matemática e/ou formação continuada com concepções curriculares monoculturais e eurocentradas ou propostas e ações no viés decolonial; e) análises de livros didáticos e paradidáticos relativos à matemática; f) resgate de saberes e fazeres matemáticos de comunidades específicas, experiências em contextos particulares; enfim, investigações que apontem e veiculem propostas e recursos para superar a colonidade no meio escolar, relativos aos diversos grupos étnicos africanos, afro-brasileiros. Os trabalhos podem apresentar estudos não apenas inerentes ao Brasil,

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

mas, também, investigações no âmbito dos demais países do continente americano e da África.

Palavras-chave: Matemática; Etnomatemática; Decolonidade; Leis 10639/2003 e 11645/2008; Interseccionalidade.

9. Formação docente e relações étnico-raciais: avanços e desafios da formação inicial e continuada

Luciane Ribeiro Dias Gonçalves, Benjamin Xavier de Paula

No ano de 2023, a Lei 10.639/03 está completou vinte anos de vigência. Um avanço fruto de muita luta do movimento negro brasileiro, que reconhece a relevância de que processos educacionais sejam priorizados na luta antirracista, e que estes possam romper com o processo histórico de inferiorização da população negra. Uma sociedade que é resultado de um processo escravagista cruel, onde até a ciência e a religião foram instrumentos de subalternização, tem que rever as “verdades” construídas nesta base. Por conta disso, é urgente que repensemos argumentos eurocêntricos e racistas que compõem as relações raciais da sociedade e, especialmente a Educação. Daí percebe-se a grandeza da tarefa atual de contra colonização que passa pela formação dos profissionais, elaboração de material didático, propostas de práticas pedagógicas contra hegemônicas, entre tantas outras tarefas. Nestes vinte anos de vigência do arcabouço jurídico normativo, muito foi visibilizado das práticas que o movimento negro já empreendia anteriormente na Educação. Pedagogias como do samba, do terreiro, da capoeira e da congada que eram invisíveis aos padrões da ciência da Educação, passam a ter notoriedade. Além disso, a partir da lei, muitos esforços foram empenhados na produção de conhecimento afrocentrado na formação de profissionais, na produção de materiais, etc. Neste grupo de trabalho espera-se discussões sobre a formação inicial e continuada que façam parte deste movimento contra colonial, na busca por soluções criativas, teorizadas e modificadoras da realidade formativa de profissionais da Educação. Entendemos que a formação docente incide diretamente na prática antirracista e experiências inovadoras na sala de aula de todos os níveis e modalidades. Assim sendo, este GT estará aberto para discussões que passem pelos currículos das licenciaturas, pelas práticas formativas antirracistas e pela formação continuada. Da mesma forma, buscaremos pesquisas que analisem, ou critiquem, ou que apresentem propostas formativas e de práticas pedagógica que possam contribuir para o avanço deste debate.

Palavras-chave: Formação inicial; Formação continuada; Relações étnico-raciais.

10. Equipes Multiprofissionais, combate ao racismo e ensino de história e cultura afrobrasileira, africana e indígena

Rutinéia Cristina Martins

Ao longo das primeiras décadas do século XXI, verificou-se que no Brasil, por influência de organismos internacionais e pressão da sociedade, houve uma série de iniciativas

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

foram tomadas no sentido de reparar os danos causados por 300 anos de escravidão e exploração dos povos indígenas, incluir as populações negra e indígena promovendo acesso às políticas públicas e propagação de suas histórias e culturas. Na Educação, tais preceitos se materializam nas leis 10.639/2003 e 11645/2008, que instituem a obrigatoriedade do ensino da história e culturas afro-brasileira, africana e indígena nos estabelecimentos oficiais de ensino. Tal trabalho tem como referências pedagógicas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais, que direciona as práticas docentes e institucionais na área, tornando-se pauta para atividades formativas e elaboração de materiais didáticos sobre o assunto. Entretanto, esse trabalho é um objetivo a ser alcançado pela sociedade, não se restringindo ao trabalho da sala de aula. Sendo assim, a proposta deste grupo de trabalho tem como objetivo investigar a prática das equipes multiprofissionais na escola. Para isso, busca-se na lei 13935, que regulamenta o trabalho dos profissionais da Psicologia e Serviço Social na educação, conferindo sua presença na instituição escolar, onde sua atuação deve constar nos regimentos e projetos políticos e pedagógicos, com a tarefa de mediar as relações sociais e institucionais. Por isso, o racismo, a diversidade, a autoestima e o autoconhecimento, que passa pelo estudo das origens de cada estudante são assuntos e tornam pontos de intervenção para as equipes multiprofissionais, que unem-se a professores, pedagogos, psicopedagogos e outros profissionais que atuam no âmbito educacional no intuito desenvolver projetos e ações continuadas, que subsidiem o trabalho de sala de aula e auxiliem no combate ao racismo, afirmação positiva das identidades étnicas na escola e resolução dos conflitos surgidos por causa das diferenças. Enfim, neste grupo de trabalho espera-se receber estudos e relatos de práticas em que haja a participação das equipes multiprofissionais junto às equipes pedagógicas, visando a educação das relações étnico-raciais: combate ao racismo e estudo da história e culturas afro-brasileira, africana e indígena.

Palavras-chave: Equipe multiprofissional; Racismo; História afro-brasileira; História indígena.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Discurso

11. Narrativas Entrelaçadas: Gênero, Raça e a Resiliência dos Insurgentes em Expressões Artísticas

Leandro Passos, Cláudia Maria Ceneviva Nigro

Num cenário que aspira à igualdade, é imperativo enfrentarmos as profundas disparidades de gênero e de raça presentes em nossa sociedade. A desigualdade estrutural, muitas vezes enraizada em sistemas históricos de opressão, continua a moldar a experiência de milhões de pessoas e este problema não apenas estimula nossos princípios fundamentais de justiça e de equidade, mas também compromete o progresso social e a harmonia coletiva. A interseção entre gênero e raça amplifica os percalços enfrentados por grupos historicamente marginalizados, os quais, frequentemente, enfrentam obstáculos adicionais na busca de oportunidades, reconhecimento e igualdade de tratamento. A desigualdade de gênero, quando combinada com disparidades raciais, resulta em experiências únicas que exigem uma atenção específica. As artes desempenham um papel crucial na promoção da reflexão sobre igualdade de gênero e de raça, oferecendo um espaço multifacetado para explorar e questionar as normas sociais. Este Grupo de Trabalho (GT) propõe uma reflexão no terreno das interseções entre gênero e raça nos textos literários e nas demais expressões artísticas. O objetivo é explorar como esses temas se entrelaçam para dar forma a narrativas diversas e significativas, ressignificando normas sociais e promovendo a representatividade. São válidas propostas cujos textos pensam como os artistas exploram as nuances da experiência humana, a fim de dar especial atenção à resiliência destas vozes, por desafiar estereótipos e contribuir para a construção de uma narrativa cultural mais inclusiva, promovendo uma representação mais autêntica e multifacetada. Além disso, abordaremos como as criações artísticas podem funcionar como ferramentas de resistência e também de criação de espaços para o futuro desses corpos. Em conjunto, esses aspectos contribuem para a criação de um ambiente cultural que fomenta a reflexão crítica e o diálogo construtivo sobre equidade de gênero e raça, impulsionando a sociedade em direção a uma compreensão mais profunda e a ações transformadoras. Logo, o foco deste Grupo de Trabalho é refletir como essas questões instigam estruturas patriarcais e racistas ou/e propõem possibilidades de sucesso para essas vidas para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

Palavras-chave: Artes; Gênero; Literatura; Raça; Resiliência.

12. Epistemologias afrodiáspóricas: articulações entre discurso e afroperspectividade

Litiane Barbosa Macedo, Gersiney Pablo Santos

Pode-se defender que, com uma tradição na ciência linguística de mais de quatro décadas, as visões funcionalistas sobre a força da linguagem para a compreensão das práticas

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

sociais e as relações de poder que as constituem consolidam os Estudos Críticos do Discurso (ECD) como uma das áreas mais desafiadoras do conhecimento humano. Nos últimos anos, o profícuo diálogo dos ECD com os estudos decoloniais (REGIS & RESENDE, 2017) tem permitido que vozes dissonantes venham, cada vez mais, imprimindo um lugar de análise particular e necessário: o de realidades únicas discutidas a partir do protagonismo de quem fundamentalmente as experienciam – especialmente, no que toca à questão das existências negras. Por esta razão, o exercício de reflexão teórico-metodológico proposto pela Afroperspectividade (NOGUEIRA, 2014; 2017) – que encoraja buscar possibilidades outras de explicar e compreender o mundo, pautado a partir de saberes e perspectivas afrodiaspóricas e indígenas da América Latina (e sobretudo o Brasil) e, por sua vez, trazem a tona o problema da universalidade do conhecimento hegemônico – se torna tão necessário. Com este Grupo de Trabalho, propomos uma provocação ontológico-epistemológica focada nas temáticas de raça – epistemologias afrodiaspóricas – e discurso. Neste sentido, buscamos promover o diálogo entre trabalhos que objetivem compreender a relação entre discurso e raça, bem como propor (re)formulações teóricas e metodológicas que visam propostas de descolonização do campo teórico discursivo. Isto porque, para que haja erradicação do racismo epistêmico, entendemos que é relevante não apenas denunciá-lo, mas sim exaltar perspectivas desconhecidas a fim de enriquecer os trabalhos tanto nos estudos críticos discursivos, como em outras áreas de conhecimento. Assim, pensamos promover um espaço para a discussão horizontalizada acerca do atual lugar dos estudos discursivos e a efetividade de seus projetos transformacionais concernentes às existências negras em diáspora. Para tanto, aproximaremos os ECD da Afroperspectividade (NOGUEIRA, 2020) e da Aquilombagem Crítica (SANTOS, 2019; 2022; 2023), a fim de desvelar armadilhas discursivas naturalizadas, bem como mapear possíveis estratégias para a organização de uma área de desenvolvimento afroepistemológico de pujantes protagonismo e Consciência (BIKO, 1990).

Palavras-chave: Estudos Críticos do Discurso; Aquilombagem Crítica; Epistemologias Afrodiaspóricas; Discurso; Consciência Negra.

13. Discurso, raça e mídias digitais na América Latina

Glenda Cristina Valim de Melo, Kassandra Muniz

Na América Latina, a questão racial negra passa pelo Atlântico. Nele, muitas(os) de nossas(os) ancestrais ficaram e passaram para chegar aqui. Um aqui plural, construído de forma diferente e, também, com similiaridades. Compreendemos que a América Latina é lugar de diáspora e reflexão sobre raça e suas interseccionalidades. Após uma grave crise sanitária, mudanças nessa América perpassada por governos de esquerda, direita e extrema-direita, as relações étnico-raciais são centrais para compreender como as questões políticas, sociais, econômicas, educacionais, dentre outras se dão. Para além disto, as mídias sociais e digitais nos possibilitam conhecer os distintos contextos latino-americanos, à medida que nelas circulam textos multissemióticos a respeito de variadas temáticas e suas particularidades. Nestas trajetórias textuais, linguagem como prática social ganha muita relevância, pois é nela que damos existência as práticas diversas,

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

agimos no mundo, construímos narrativas, discursos e memórias (Rajagopalan, 2003; Muniz, 2003; Melo, 2022). O discurso, aqui, é ação (Butler, 1997). Neste Grupo de Trabalho, compreendemos que conceber raça significa dizer que raça é ato de fala performativo regulado pelas estruturas raciais hegemônicas que circulam em determinada situação e, também, pelos discursos que constroem e sustentam as questões raciais (Muniz, 2016; Melo, 2019). Como um marcador fluído e em movimento, circulam nas mídias sociais diversos textos, discursos e memórias que apontam para ideologias raciais que nos constroem há séculos. Desta forma, primeiro, pretendemos, neste Grupo de Trabalho, reunir pesquisas concluídas e/ou em andamento que tratem da relação entre discurso e raça nas mídias digitais e sociais em contexto de América Latina. Segundo, que tais estudos se embasem em diferentes concepções de discurso e compreendam raça como um marcador discurso-corpóreo. Por fim, o GT visa ainda fazer circular modos de fazer pesquisa no campo do discurso que contemplem a questão racial, observando os percursos metodológicos e analíticos que pesquisadoras/es do de áreas distintas.

Palavras-chave: Discurso; Raça; Mídias; Interseccionalidades.

14. Discurso, Direitos Fundamentais e Luta de Classe

Mariana Jantsch de Souza, Naiara Souza da Silva

A partir do compromisso social e político que, em nosso ponto de vista, é indissociável do fazer científico, propomos um espaço de discussão que possibilite dar visibilidade a discursos que movimentam diferentes (e divergentes) sentidos sobre direitos fundamentais e/ou sobre questões de classe. Consideramos os direitos fundamentais como direitos humanos e adotamos a classificação de Bonavides (2006) que os considera em cinco dimensões. A primeira dimensão refere-se aos direitos de liberdade e compreende direitos civis e políticos. A segunda dimensão corresponde aos direitos de igualdade, abrange direitos sociais, culturais e econômicos. A terceira dimensão diz respeito aos direitos de fraternidade ou solidariedade, de titularidade coletiva. A quarta dimensão corresponde aos direitos à democracia, pluralismo e informação. E na quinta dimensão temos o direito fundamental à paz. Entrelaçamos, então, conhecimentos da área das Ciências Jurídicas e da área das Ciências da Linguagem, buscando compreender os eixos discurso, direitos fundamentais e luta classes nas práticas sociais. No âmbito da linguagem, nosso olhar é amparado na/pela Análise de Discurso, uma teoria materialista dos processos discursivos, conforme propõe Michel Pêcheux. Assim, na trilha do tema do I CINALC e V Colóquio Raça e Interseccionalidades, cujo mote é “Discursos, Memórias Negras e Esperança na América Latina e Caribe”, procuramos problematizar, refletir e contribuir para a compreensão de funcionamentos discursivos que movimentam sentidos de desigualdade/subordinação, (in)visibilização e menosprezo aos direitos fundamentais, em especial das classes trabalhadoras. Nessa perspectiva, atentamos, também, para as interseccionalidades entre raça e gênero em circulação social nesses discursos. Embora nossa posição teórica tenha como base a Análise de Discurso pecheuxiana, são aceitos trabalhos que abordam os eixos temáticos que dão título a este GT a partir de diferentes perspectivas teóricas. Entendemos, pois, que diante de temas públicos emergentes, nossa função social, enquanto pesquisadoras/es e profissionais da área das Linguagens e da

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Educação, está em desfazer as evidências de um texto compreendendo a complexa teia que engendra os processos de produção de sentidos. Ao discutir o papel da linguagem, podemos contribuir para a compreensão do processo de discursivização das relações de força que estruturam o “edifício social brasileiro” e perpassam os modos de significação dos direitos fundamentais e das relações de desigualdade/subordinação entre as classes sociais. Esta proposta é movida pela esperança de que os laços sociais possam ser (re)significados em direção à solidariedade e à igualdade.

Palavras-chave: Discurso; Direitos Fundamentais; Luta de Classe.

15. Poéticas da memória e das existências: literatura negro-brasileira como narrativa contracolonial

José Humberto Rodrigues dos Anjos, Jesuíno Arvelino Pinto

Este Grupo de Trabalho objetiva reunir pesquisas que tenham como ponto de partida a literatura negro-brasileira (CUTE, 2010) como forma de perpetuação e representação da memória e do enfrentamento aos sistemas de dominação contra o povo africano e afro-brasileiro. Recebe, portanto, estudos que investiguem as múltiplas formas de escrita, sejam elas em prosa, poesia, ou drama e que capturem as formas de resistência e vida do povo negro no Brasil e no mundo. Silenciados durante um longo período, os negros tiveram sua história relegada aos processos de colonização, sendo esta narrada em boa parte pela ótica do forasteiro, que ora o estereotipou, ora o diminuiu (ADICHIE, 2009). De acordo com a ideia de Antônio Bispo dos Santos (2015) de que é preciso estabelecer um processo de contracolonização a esse sistema de voz hegemônica, esse GT busca estudos capazes de refletir o povo negro como protagonista de sua história, e conhecer as formas estéticas utilizadas para manter suas memórias, existências e resistências representadas por meio da literatura. Evoca, portanto, os ideais de que é preciso falar e romper com a máscara (KILOMBA, 2010) que cala o povo negro perpetuando suas formas de existir e ocupar o mundo do qual fazem parte. Na esteira desse processo, os estudos aqui propostos devem refletir sobre a resistência como parte da vida das pessoas, e por isso, constituída como bem simbólico presente em suas formas de escrever e representar através da arte. Resistir é inerente às nossas vontades, e de um jeito, ou de outro resistimos a nosso modo, às intempéries da vida. Deste modo a escrita é vista como uma forma de demarcar a existência, mas também de resistir aos eventos de silenciamento, exclusão social, religiosa e de gênero, descritores pouco compreendidos nas relações políticas atuais. Neste sentido é preciso romper com as dominações epistemológicas do colonialismo dinamizando as formas de conhecimento e abrindo espaços para uma ecologia dos saberes, que dê voz aos povos e reconheça a literatura como forma de reivindicação pelo direito de existir plenamente, e como uma condição da diversidade do mundo (RUFINO, 2021).

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira; Memória; Existência; Resistência.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

16. Discursos, interseccionalidade e decolonialidades: processos de dominação e resistências

Glória da Ressurreição Abreu França, Ana Josefina Ferrari

A formação social da América Latina e Caribe se sustenta pelo modo de produção capitalista, marcado pela colonização e pelos efeitos da colonialidade que se perpetuam, pelos cruzamentos de processos de racialização e de dominação de gênero/sexualidade a partir dos quais se (re)produzem o racismo, o sexismo, o patriarcalismo que estruturam as produções hegemônicas de sujeitos e de sentidos na contemporaneidade. Essas relações, interseccionais, ou ainda, esses processos de identificação interseccionais (Franca, 2017), podem por vezes se materializar enquanto discursos classistas, racistas, sexistas, produzindo efeitos. Ao mesmo tempo, na América latina e no Caribe existem inúmeros espaços de resistência habitados por diferentes populações, que nos últimos 500 anos foram subalternizadas, escravizadas, submetidas, mas que resistiram ao jugo colonialista. Nessas condições de produção, nos parece produtivo pontuar nos estudos e análises uma perspectiva interseccional e decolonial dentro do campo dos estudos do discurso. Trata-se de nos filarmos, além da Análise do Discurso, aos estudos de Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2011, 2023), Enrique Dussel (2013), Luiz Antonio Simas (2019, 2020), Aníbal Quijano (2005, 2009), dentre tantos outros que pensam, em seu campo de estudo, os efeitos de discursos e os processos de produção dos sentidos e dos sujeitos a partir dessas condições de produção de Brasis, de brasilidades, de latino (ladino) amefricanidades, levando em conta suas contradições de classe, de raça, de gênero, e os efeitos da colonialidade. Partimos do pressuposto de que nos espaços de resistência se produzem processos de identificação interseccionais, na cidade e no campo, em comunidades indígenas e quilombolas, na cultura e expressões populares. As problemáticas interseccionais se materializam, desde o lugar de enunciação dos invisibilizados, dos subalternizados, do lugar dos nadies. Assim, interessa-nos explorar e acolher, neste grupo de trabalho, estudos que, na perspectiva discursiva, pensem e analisem as relações de dominação e/ou de resistência que atravessam diferentes espaços e materialidades discursivas em torno de um ou mais dos seguintes eixos, que listamos de modo não exaustivo: discursos que se produzem na relação de classe e de racialidade/etnicidade; processos de identificação em torno de identidades racializadas, gendradas, interseccionais; processos de resistência por meio de lugares coletivos, como os saberes locais, a cultura popular, os movimentos sociais da cidade e do campo; os movimentos e expressões dos silêncios e dos silenciamentos; o funcionamento da memória na relação com discursos oficiais na tensão com memórias e discursos outros, que demarcam outros espaços e outras formas de textualização. Análises que abordem as redes de filiação sócio-históricas, os antagonismos, as contradições que operam desde lugares de enunciação e dispositivos discursivos que produzem as subjetividades em diferentes materialidades e espaços de circulação do dizer. Em suma, acolheremos trabalhos que problematizam as produções de sentidos e de sujeitos na contemporaneidade questionando as condições de produção sócio históricas da formação social da América Latina e Caribe estruturalmente atravessada pela colonização e pelos efeitos de colonialidade, em discursos racistas, sexistas e classistas.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Discurso; Brasilidade; Interseccionalidade; Colonialidade; Resistência.

17. Questões de raça e racialização nos estudos do discurso: mapeando linguagens, teorizações e objetos na história do presente

Jefferson Campos, Rodrigo Pedro Casteleira

Este Grupo de Trabalho (GT) tem por objetivo mapear modos de constituição de saberes sobre raça e racialização no interior da heterogeneidade dos estudos empreendidos sobre diferentes práticas discursivas acadêmico-científicas. Se o título do GT acena para o norte epistemológico dos Estudos do Discurso, convocamos os cortes, críticas e deslocamentos trans e indisciplinados que acenem, perfurem, rasurem ou produzam hackeamentos na ordem da produção de conhecimento acerca de raça e de racialidade no espaço da América Latina, na produtividade dos efeitos autorais consolidados pelas pesquisas produzidas nesse “solo epistemológico”. Não se trata, portanto, de seguir o projeto colonial de sistematização ou do modo de produção dos saberes sobre raça e racialidade, no pelourinho epistemológico instituído pela hermenêutica acadêmica heterocisbrancocêntrica. Antes, trata-se de nesses saberes, a partir deles ou contra eles, demonstrar os regimes de verdade construídos na e pela ordem dos discursos acadêmico-científicos e o modo como funcionam como máquina de produção de subjetividades racializadas. Assim, interessados, sobretudo, mas não apenas, em propostas de comunicação oral oriundas dos Estudos do Discurso, das Artes do Corpo, das Artes Plásticas e de campos correlatos, intentamos reunir pesquisadores, pesquisadoras, artistas, artistes e militantes cujos trabalhos abordem ou proporcionem a prática de construção de objetos científicos, de análises, da constituição, manutenção e guarda de arquivos discursivos, da execução e análise de produções artísticas e culturais a partir das quais os saberes sobre raça e racialidade emergem como horizonte de sentidos. Nesse cenário, aventamos a possibilidade de observar, sejam nas aproximações, sejam nos deslocamentos, o modo como se refina, na contemporaneidade, a ideia de raça na América Latina, em especial, na mira belicosa estabelecida pela multiplicidade de práticas discursivas (e não discursivas) a partir das quais uma ideia do que é ser negro/negra se estabelece como verdadeira. Oxalá, desse processo metodológico à moda de um diagnóstico, decorrerá um arsenal de medidas para se pensar a constituição do sujeito moderno racializado na história do presente.

Palavras-chave: Raça; Racialização; Discurso; Diagnóstico do Presente.

18. Discurso, racialização e negritude: corpo como gesto político e de identidade

Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo, Elizete de Souza Bernardes

É de comum acordo a máxima de que os sujeitos se constituem e são constituídos na e pela linguagem. Dito de outro modo, não há nada fora da linguagem. Assim, a realidade que nos é apresentada, é resultado do que está dito, ou melhor, dos discursos que

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

vinculam socialmente e insistem em naturalizar determinados dizeres, como se língua e sentidos fossem colados. Ou seja, estamos compreendendo o conceito de língua enquanto fenômeno em funcionamento, com autonomia relativa e passível de falhas. Diante desta perspectiva, é preciso pontuar que aliado ao verbal, o não verbal também demanda um olhar criterioso do analista do discurso. Para além do objeto puramente linguístico, “o corpo e seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção da identidade” (Munanga, 2019). Desta maneira, o questionamento que se levanta é: como o corpo negro, investido num campo político, produz efeitos de sentidos a depender de uma ordem do discurso e do olhar que se dirige a ele? Assim, o presente Simpósio Temático tem como proposta, refletir questões direcionadas à negritude e corpo, enquanto gestos políticos e de ressignificação. Em outras palavras, Kabengele Munanga (2019, 24) nos persuade a refletir sobre o caminho para “reassumir a negritude [...] não apenas no sentido de uma continuidade, mas também no sentido de uma operação de decodificação/recodificação e reinterpretação no universo da diáspora africana”. Com efeito, segundo Michel Foucault (1977, p. 28): “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre eles; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais”. Deste modo, buscamos reunir pesquisas voltadas à temática que problematizem, de acordo com as orientações teóricas da Análise de Discurso, relacionadas aos discursos de racialização do corpo negro e, principalmente, como este corpo é ressignificado e se constitui como efeito do e no político.

Palavras-chave: Análise do discurso; Negritude; Corpo.

19. Interseccionalidade(s), Opressão Epistêmica e Resistência: enfocando as lentes para a igualdade e a justiça social a partir de Patrícia Hill Collins

Bruna Carolini Barbosa, Kleber Aparecido da Silva

Através de suas experiências de vida, tanto pessoal como profissional, a professora, pesquisadora e ativista Patricia H. Collins, da Universidade de Maryland, College Park, EUA, tem explorado como a epistemologia (re)constitui um mecanismo tanto de opressão intelectual como de resistência. Para entender como as estruturas sociais de poder agem, constroem e oprimem, a pesquisadora negra estadunidense tem articulado a interseccionalidade aos sistemas de poder, a partir do que denomina de “matriz de dominação”, entendida como “uma rede específica de relações sociais que une múltiplos domínios de poder, em torno de uma dimensão central de opressão. Como tal, ela é composta de múltiplas hierarquias interconectadas, que podem ser baseadas em raça, gênero, classe, sexualidade, nação ou outras dimensões” (COLLINS, 1990, p. 190, tradução nossa). O conceito de “interseccionalidade” surge como um projeto epistemológico e metodológico do feminismo negro, no qual é uma das pioneiras, para tornar visível o cruzamento de opressões estruturais: raça, etnia, classe social, gênero, que sustentam as desigualdades e os privilégios sociais, operados por sistemas de poder. Neste grupo de trabalho, convidamos pesquisadores/as do Brasil e do exterior, que atuam na área da Linguística Aplicada (Crítica), da Sociolinguística, da Sociologia, da Filosofia,

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

do Direitos (Humanos) e áreas afins, a submeterem artigos/resenhas/entrevistas, que contemplem, dentre outras possibilidades, as seguintes temáticas: i) A interseccionalidade como ferramenta analítica para compreender as relações de poder e desigualdades em diferentes contextos sociais; ii) O feminismo negro; iii) As imagens de controle e suas implicações na representação de grupos marginalizados na mídia e na cultura popular; iv) As contribuições de Patrícia Hill Collins para a teoria social contemporânea; v) As implicações políticas e práticas das teorias de Patrícia Hill Collins; vi) A relação entre interseccionalidade e o feminismo negro; vii) A aplicação da teoria de imagens de controle nas análises de desigualdades raciais e de gênero; viii) A relação entre a teoria da interseccionalidade e as políticas públicas; ix) A interseccionalidade, opressão epistêmica e a teoria queer; x) A interseccionalidade, resistência e a(s) decolonialidade(s). Os tópicos propostos são possibilidades temáticas, mas as contribuições não estão limitadas a eles. Esperamos receber trabalhos de colegas do Brasil e do exterior que possam aprofundar e verticalizar o debate e a reflexão crítica/decolonial sobre as teorias de Patrícia Hill Collins bem como sua relevância para a complexa tarefa de criar inteligibilidade sobre diferentes questões sociais.

Palavras-chave: Linguística Aplicada Crítica; Interseccionalidade; Justiça Social.

20. Ensino e Aprendizagem e os estudos discursivos da Linguística Aplicada

Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima, Antônio Carlos Santos de Lima

Ao considerarmos o papel da linguagem na vida dos sujeitos e na construção dos significados do mundo, compreendemos ser importante o empreendimento de pesquisas nas quais essa instância, a linguagem, seja configurada como objeto de estudo na perspectiva do discurso. A reflexão sobre essa faculdade nesta proposta se reverbera na preocupação com os estudos discursivos e sobre como o discurso permite ao sujeito uma ação ética em relação ao outro e em relação à construção do saber. Dessa forma, são exercidos papéis sociais situados e éticos (Sobral, 2005) nos diversos espaços onde estudamos a linguagem e o discurso, afinal todas as atividades humanas estão imbricadas no campo da ideologia (Bakhtin, 2003, 2016). Nesta proposta, o atendimento a essa demanda se inscreve no escopo da Linguística Aplicada (LA), da desaprendizagem (Fabrício, 2006), da indisciplinaridade (Moita Lopes, 2006) e da implicação na vida vivida (Souto Maior, 2022; 2023). Os trabalhos passíveis de comporem o grupo poderão ter diferentes contextos e a proposta é agregar pesquisas que reflitam sobre o ensino e aprendizagem da língua portuguesa como língua materna e a perspectiva dos estudos discursivos na LA com temas que poderão estar relacionados: a) aos estudos de Letramentos, seja ele digital (Buzato, 2006; 2007), acadêmico (Lea; Street, 1998; Lima, 2019; Marinho, 2010; Zavala, 2010) ou literário (Cosson, 2006), b) à análise de documentos oficiais da educação, com estudos que se debruçam sobre as implicações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e/ou dos Referenciais curriculares dos Estados para a educação contemporânea (Szundy, 2019; Filipe et al, 2021); c) à análise de práticas de sala de aula em contexto de ensino e aprendizagem de língua portuguesa (Zozzoli,



V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

2016; Tedesco, 2014; Vargas, 2020). Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da LA acima referenciados, esses três núcleos de discussões vão, no nosso GT, promover a troca de experiências e estimular conexões interinstitucionais a fim de promover o desenvolvimento do conhecimento crítico (Rajagopalan, 2012) sobre esses aspectos.

Palavras-chave: Discurso; Linguística Aplicada; Letramentos; BNCC; Ensino e Aprendizagem.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Memórias Negras

21. Memória e Turismo no contexto de debates emergentes

Maria Amália Oliveira

Na medida em que é o caráter coletivo que reforça ou enfraquece a reprodução de memórias, a dinâmica entre lembrança e esquecimento destaca-se na análise de vários estudos sobre memória. Considerando que todos os grupos produzem socialmente esta articulação acerca de que será lembrado e sobre o que será esquecido na atualização de seus laços sociais, fica evidenciado que tais processos são construídos em tons de disputas, conflitos e relações de poder, tal como chama atenção Michael Pollak (1989). Aleida Assmann (2011) destaca a emergência do passado como preocupação fundamental, considerando tal fenômeno como característico das últimas décadas do século XX que permanece até o presente momento. Para a autora, embora o foco esteja no passado, esse movimento implica em uma direção para o futuro, pois a memória surge como um artifício para proteger o passado da ação do esquecimento, fornecendo assim, para os indivíduos, subsídios para o entendimento do mundo presente e possibilidades para o futuro. Andreas Huyssen (2000) esclarece que a “cultura da memória”, revela um processo de “reificação do passado”, cuja característica primordial é sua transformação em objeto de consumo. O passado seria assim, embelezado, neutralizado, rentabilizado e utilizado pela indústria do turismo e do espetáculo. Os argumentos trazidos por Huyssen fornecem elementos para uma série de reflexões envolvendo a atividade turística. Tal atividade tem estado atrelada a projetos de desenvolvimento cujos embates perpassam a utilização de bens culturais e naturais presentes em territórios que são abruptamente atravessados pelo discurso envolvendo os supostos benefícios econômicos associados a referida atividade. Em tais processos, o debate sobre memória tem se mantido ausente; contudo, tanto o ato individual de lembrar quanto as narrativas construídas sobre os locais onde a atividade turística é ou será implementada, configura-se como aspecto urgente a ser explorado nos debates acerca do papel e/ou lugar da memória. Desta forma, este Grupo de Trabalho coloca como questões a apropriação da memória no turismo, o uso do turismo na construção de memórias, a mercantilização de lugares de memória, o papel da memória no turismo, souvenirs enquanto produtor e reafirmador de memórias, construção de narrativas sobre o passado para fins turísticos, discursos de fomento de políticas públicas que se utilizam do turismo e da memória, o lugar das memórias nos processos de turistização em espaços como Unidades de Conservação, quilombos, terras indígenas, entre outros. Pelo exposto, nossa proposta reside em abrigar discussões oriundas de trabalhos onde a memória, enquanto campo de disputas permeado por distintos processos de produção e articulação das lembranças e esquecimentos dos diferentes sujeitos sociais, será a chave para a expansão de discussões que perpassam questões que envolvem os debates sobre diásporas, sentidos atribuídos à sistemas alimentares, revitalização e disputas de territórios, reinvenções de tradições, planejamento urbano, memórias traumáticas, processos de patrimonialização, construções identitárias, entre outras inerentes a relação memória e turismo.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Turismo; Memória; Diáspora; Populações Tradicionais; Cultura.

22. Enegrecendo as memórias: oralidade, Serviço Social e outras áreas do saber

Bárbara Oliveira Rosa, Rosicler Silva

Para pensar a questão social e o enfrentamento da reatualização conservadora no Serviço Social, é necessário entender que os racismos transcendem o imaginário social ao se concretizar em todas as relações humanas, afetando o cotidiano da população negra brasileira. Destaca-se que os estudos sobre as relações étnico-raciais têm ocupado um lugar privilegiado no debate contemporâneo de assistentes sociais, posto que seus aspectos têm implicações para o seu trabalho profissional. Por isso, o objetivo deste Grupo de Trabalho é receber pesquisas sobre as memórias e oralidade das pessoas negras no trabalho do Serviço Social, bem como em outras áreas do saber. A temática é essencial na construção de um fazer profissional antirracista, para tanto, se observa a necessidade de formação continuada para assistentes sociais na perspectiva das memórias e oralidade, visando a apreensão das nuances nos atendimentos e ações realizados com pessoas negras, o que contribuirá na identificação e no enfrentamento aos racismos. As memórias, compreendidas enquanto experiências pretéritas vividas, compõem a história e através da oralidade apresentam elementos coletivos, sociais, culturais e políticos que permitem aproximar e analisar a construção de uma dada sociabilidade, reverberando no tempo presente e futuro por consistir em instrumentos de luta e transformação. O Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social apresenta direção social na perspectiva da construção de uma outra sociedade em que não haja nenhuma forma de exploração, discriminação e preconceitos. Por isso, infere-se no campo da oralidade e das memórias, um caminho para a criação de uma nova realidade, de um país com maior igualdade étnico-racial. Isso se deve pela potência política que as memórias possuem ao mobilizar histórias que foram invisibilizadas e ensurdecidas pela branquitude. Assim, negras e negros requerem que suas memórias sejam respeitadas, reconhecidas e registradas enquanto direito previsto na Constituição Federal de 1988, seja durante o atendimento nas Políticas Públicas ou nas histórias oficiais e nas pesquisas e estudos científicos e sociais.

Palavras-chave: Memórias; Serviço Social; Oralidade.

23. Memórias Negras: educação, raça, história, e religiosidade na América Latina e Caribe

Paulo Sérgio Dutra, Maria Aparecida de Matos

O presente Grupo de Trabalho tem como objetivo reunir trabalhos que são resultado de pesquisas concluídas e/ou em andamento, e que versem sobre as temáticas que estão relacionadas, aos contextos que levam a compreender as formas de ser e estar no mundo, das populações negras latino-americana e caribenha. Em vista disso, assinala-se que

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

referido GT constituirá como um espaço em que serão recebidos pesquisas e/ou estudos que discutem as temáticas que compreendem, a ancestralidade negra, as experiências no em torno da religiosidade de matriz africana, as relações raciais, intelectuais negros e/ou negras, sobretudo, as que tratam das mais variadas formas em que o racismo se manifesta, e aqueles que reportam as experiências das populações quilombolas, chimarronas, maroons e palenqueiras no espaço geográfico em questão. Receberá também estudos que versem sobre a presença do negro na historiografia da educação, nas artes, e ainda trabalhos que versem sobre as experiências de mulheres negras e homens negros na construção de uma intelectualidade na América Latina e Caribe, e também pesquisa e/ou trabalhos que dizem respeito aos homens negros e mulheres negras que desempenharam funções importantes no universo da política, educação e saúde no decurso da história latino-americana e caribenha. Dessa forma, ressalta que a metodologia escolhida para ser utilizada, na realização das apresentações dos trabalhos inscritos no presente Grupo de Trabalho, está o formato híbrido, e a forma dialogada entre aqueles e aquelas que se inscreveram como participantes. Como resultado, espera-se reunir diferentes pesquisas e/ou estudos que fazem menção as temáticas referenciadas anteriormente, que possam contribuir para a potencialização e o fortalecimento de redes de pesquisadores negros e pesquisadoras negras que têm se dedicado a estudar a população negra, e as especificidades que demonstrem relações com as populações negras latino-americanas e caribenhas no âmbito dos estudos. Espera-se também constituir-se como espaços para diálogos em torno das temáticas que envolvem o negro na atualidade.

Palavras-chave: América Latina e Caribe; Populações Negras; Interseccionalidade.

24. Musicalidades africanas e afro-diaspóricas como repositórios da memória negra no Brasil

Renan Ribeiro Moutinho, Luiza Nascimento Almeida

O presente grupo de trabalho pretende reunir pesquisas que analisem o conjunto de sonoridades africanas e afro-diaspóricas presentes em um mosaico de expressões musicais decorrentes dos deslocamentos culturais e sociais constituídos a partir do protagonismo e da presença da população negra no Brasil. Deslocamentos que continuam a se manifestar, nos dias de hoje, em áreas urbanas, como nos subúrbios; em contextos religiosos de matriz africana, como nas casas de candomblé e umbanda; e em confluências afro-diaspóricas oportunizados por plataformas digitais que conectam o Bronx, Luanda e o Complexo do Alemão em apenas alguns cliques. Em outras palavras, pretendemos acolher discussões acadêmicas comprometidas em explorar não apenas os aspectos restritos ao som, da forma como o ocidente, no geral, compreende o tema, mas tudo aquilo que envolve o processo de realização da musicalidade no contexto afro-diaspórico, notadamente mais orgânico, desde o cultivo da matéria-prima para fabricação de instrumentos até a performance no âmbito ritual ou não. A discussão de saberes e memórias associados às musicalidades afro-diaspóricas, não raro transmitidos por meio de práticas da oralidade – o que ressalta seu caráter ancestral – são elementos fundamentais para a elucidação e construção de outras epistemologias que contemplem

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

culturas pertencentes às matrizes africanas, sobretudo no que concerne ao espaço acadêmico, o qual ainda carece substancialmente de pluralidade referencial nesse sentido. O objetivo, assim, é favorecer um contorno íntegro desse escopo cultural, vinculado de forma indelével a vida do indivíduo e da comunidade a partir da qual ele edifica e fortalece sua identidade, levando em consideração teorias decoloniais e contra-coloniais que reconheçam a importância dessas manifestações musicais como agentes da memória e da herança cultural da negritude. Serão aceitas produções acadêmicas nos formatos tradicionais indicados nas normas de submissão do Congresso e produções ensaísticas fonográficas ou audiovisuais sobre a temática do Grupo Temático. Estas últimas possuem normas específicas, como duração entre 15min e 50min, precedidos de um resumo (entre 250 e 500 palavras) ou resumo expandido (até 1.500 palavras) com breve relato contextualizando o ensaio e link para o arquivo audiovisual no Youtube, ou em plataforma similar.

Palavras-chave: Epistemologias africanas; Musicalidades africanas; Negritude; Ancestralidade.

25. Memorias negras en el Caribe: Ancestralidades, enfoques, actualidades y desafíos

Rosa Campoalegre Septien, Claudia Miranda

El Caribe rebasa la significación geográfica, desafía fronteras, sistemas políticos y generaciones, para transformarse en un espacio polisémico, multilingüe y pluricultural de sentidos y significaciones, de encuentros y desencuentros. A esa configuración sociohistórica, no solo contribuyen las voces, también los silencios logran acotar sus complejas dimensiones. Mas allá de sus territorios físicos, es un lugar espiritual de reencuentro ancestral, cultural, político, de batallas y de sanación. Vive en la diversidad de sus polifonías marcadas por la Amefricanidad (Gonzales,1998).¹ Bajo tales presupuestos, este el Grupo de trabajo titulado “Memorias negras en el Caribe”, convoca a esas diversas voces, silencios y sentidos en la búsqueda de alternativas antirracistas, desde la perspectiva interseccional y afrocentrada. El Caribe constituye un enclave principal de la lucha por el derecho a la reparación histórica de los pueblos afrodescendientes, vista esta como un legítimo proceso y no en calidad de acciones aisladas. Allí empezó la colonización y también la de/colonización. En el surgió la paradigmática Revolución Haitiana, obras imprescindibles para la denuncia al colonialismo y a racismo, así como estrategia para su enfrentamiento de la mano de autores como Frantz Fanon, Aimé Césaire sabiendo de que : “Que nadie coloniza inocentemente, que tampoco nadie coloniza impunemente”. europeo (Césaire, 2006, p.17).” Las ponencias a presentar deberán ser enfocada hacia los ejes analíticos problematizadores siguientes: 1. Colonización, de/ colonización y racismo estructural y sistémico en el Caribe, 2. Pensamiento afrocaribeño. Genealogías, desarrollo y vigencia, 3. El derecho a la reparación en el Caribe, 4. Mujeres afrocaribeñas y sus luchas: miradas desde los afrofeminismos, 5. Legado cultural y antirracismo en el Caribe, 6. Organizaciones afrodescendientes en el Caribe, 7. Evaluación del Decenio internacional de los pueblos afrodescendientes: valorando la experiencia del Caribe ante sus retos, 8. La agenda

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

antirracista en el Caribe: A de/construir.

Palavras-chave: Descolonización; Afrofeminismo; Racismo; Antirracismo.

26. Cultura visual e memórias negras

Roberto Carlos da Silva Borges, Samuel Oliveira

A relação entre cultura visual, memória e experiências negra tem ganhado destaque na reflexão da linguística aplicada, comunicação social, sociologia, antropologia e história. Investiga-se o racismo e o antirracismo na diáspora negra, movimentos sociais, cultura popular e formação das comunidades nacionais imaginadas, discutindo as práticas constitutivas do cinema, televisão, fotografia, redes sociais, jornais, revistas, propagandas etc. Aqui, conformam um campo interdisciplinar de debate das relações interseccionais, memória e visualidades da cultura contemporânea. A partir das referências teóricas como Frantz Fanon, bell hooks, Stuart Hall, Patricia Hill Collins, Livia Sovik, Maria Aparecida da Silva Bento, Lélia Gonzales, Noel de Carvalho, entre outros autores que são centrais para os estudos culturais e para a compreensão da persistência do colonialismo na contemporaneidade, essas investigações analisam a forma como as imagens são produzidas, circulam e formam identidades que estão em disputa. Nessa perspectiva, a cultura visual é um dos locus centrais das relações de poder na contemporaneidade, conformando políticas do olhar que perpetuam relações de subordinação e perspectivas de emancipação social. Ela está no cerne tanto do processo de construção dos estigmas raciais em relação às experiências negras quanto da construção de imagens transgressoras. Esse campo de pesquisa enfoca as experiências que foram constitutivas da formação do mundo contemporâneo, abarcando os séculos XX e XXI, momento em que a proliferação de imagens técnicas e das várias mídias sociais transformou a esfera pública, as relações de poder e as identidades sociais. Assim, este Grupo de Trabalho está voltado para os pesquisas que tratam das seguintes questões: a) Cinema Negro, memórias visuais e identidades visuais no Brasil e na diáspora; b) Discurso, raça e racismo na análise das mídias; c) Branquitude, imagens e representações da cultura negra; d) Trajetórias e experiências de fotógrafos, cineastas, músicos e outros artistas negros e sua relação com as mídias; e) Movimentos sociais negros e guerras de imagens; f) Religiosidade, mídia, racismo e antirracismo.

Palavras-chave: Imagens contra-hegemônicas; Redes Sociais; Cinema Negro; Fotografia; Antirracismo; Memórias negras.

27. Pretuguês: entre o antropológico, o político e o linguístico

Fernanda de Oliveira Cerqueira

Lélia Gonzalez, antropóloga, ativista política e feminista negra, propôs, em 1988, no trabalho intitulado “A categoria político cultural de amefricanidade”, propõe o conceito de Amefricanidade, o qual ela define por “[...] [um] sistema etnográfico de referência, [sendo] uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

em modelos africanos” (GONZALEZ, 1988, p. 77). Sendo assim, esse sistema etnográfico de referência, cujas bases são africanas, atua como pilar cultural e político na construção do continente Amefricano. Uma das evidências empíricas, mobilizada pela autora, como alicerce para a existência da América é o pretuguês, saber “as marcas de africanização no português”. Com base nessa agenda de trabalho, fortemente ancorada em perspectiva panafricanista, Cerqueira (2020, 2022, 2023) e Cerqueira e Modesto (2023) propõem que, em linhas gerais, pretuguês é um conceito guarda-chuva, haja vista que Lélia Gonzalez o evoca como evidência empírica para denunciar que apesar das diversas manifestações de racismo naturalizadas no Brasil – no bojo da colonização, bem como por sua consequência – a formação social brasileira é eminentemente negra e indígena. Nesse sentido, entendemos que é possível a conformação do conceito de pretuguês com o português popular brasileiro, norma em difusão/expansão na história do PB (MATTOS E SILVA, 2004); com o português afro-brasileiro, a partir das marcas linguísticas de contato em comunidades quilombolas (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009); pretuguês com o de comunidade de prática linguística, sobretudo no hip hop, ao passo que a gramática em uso reflete a identidade dos sujeitos falantes (CERQUEIRA, 2020); e pretuguês com a dinâmica de aquilombamento e de reexistência, no âmbito da produção discursiva (NASCIMENTO, 2019), como em territórios sagrados de religiões de matriz africana. Em vista disso, o presente grupo de trabalho visa congregiar trabalhos que abordem o conceito de pretuguês (GONZALEZ, 1983) em âmbito antropológico e/ou âmbito político e/ou âmbito linguístico, com intuito de avançar no debate previsto na agenda de trabalho proposta por Lélia Gonzalez, haja vista sua importância na como via de valorização e de emancipação de memórias negras. Portanto, são bem vindos no presente grupo de trabalho estudos que abordem temas como pretuguês, língua e racismo, língua e colonização, língua interseccionada com raça, gênero e sexualidade, língua e branquitude, além de narrativa contracolonial da formação do português brasileiro.

Palavras-chave: Pretuguês; Língua e Raça; Formação do Português Brasileiro.

28. Epistemologias de Terreiro: Memórias de axé para uma outra educação possível

Mirella Farias Rocha, Waldemir Rosa

Na tradição da ciência espiritual africana de matriz yoruba, presente no Brasil e em outras partes do mundo diaspórico, o ?dù pode ser descrito como um conjunto de signos que no sistema do Ifá comunica em fora de Itâm (mitos e histórias) padrões de conduta e princípios hierárquicos e de moralidade. O ?dù é o centro de um sistema epistêmico que se efetiva por meio de Orin (cânticos), Adurà (rezas) e ?fò (feitiços) e que possuem como finalidade última pessoalizar o cuidado como fator de pertencimento à coletividade e de reconhecimento da dignidade humanidade. Nesse sentido, o terreiro é um território material concreto do exercício ontoepistemológico de saberes não-brancos, da convivência coletiva, da força comunitária e do afeto como projeto político do nosso povo. No Grupo de Trabalho (GT) buscamos reunir estudos – resultados de pesquisa (concluídas e em andamento) e relatos de experiências – que privilegiam o diálogo interepistêmico das cosmopercepções de terreiros e macumbarias com os saberes

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

escolares e acadêmicos, na perspectiva da valorização das tradições orais africanas e afrodiaspóricas como vetor de garantia do direito à educação – acesso e permanência – e à memória. Pretende-se que o GT seja um espaço de aprofundamento da reflexão sobre experiências exitosas e propostas de integração simétrica (em condições de igualdade) dos saberes tradicionais africanos e afrodiaspóricos na educação forma – básica e superior. Tendo a educação para as relações étnico-raciais como orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da educação, e com o objetivo de reforçar a memória dos saberes ancestrais como fundamento ético-político, busca-se, por meio das epistemologias afro religiosas, promover o enfrentamento à forma social racista presente na sociedade brasileira e promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica. O paradigma principal das experiências reunidas no GT são o diálogo intercultural e transcultural como um processo de interação que parte da reflexão do reconhecimento da diversidade e do respeito à diferença cultural. Tal diálogo prevê uma interação equitativa entre pessoas, conhecimentos e práticas e partindo do reconhecimento das desigualdades econômicas, sociais e de poder para propor uma alteração da realidade social.

Palavras-chave: Epistemologias de terreiro; Educação para as relações étnico-raciais; educação Inter/transcultural afro referenciada; Memória e educação antirracistas.

29. Negaciones, ocultamientos y silencios sobre las vidas y los cuerpos mujeres afrodescendientes en América Latina y el Caribe

Francia Jenny Moreno Zapata, Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán

En este Grupo de Trabajo se encuentran dos investigaciones que acentúan las reflexiones en algunos vacíos y contradicciones persistentes en los estudios feministas e interseccionales. Por un lado, se destaca la ausencia de estudios y los aportes epistémicos brindados por mujeres intelectuales que se encuentran ubicadas en los sures globales quienes han realizado importantes aportes al feminismo decolonial; y, por otro, se exhorta a la necesidad de ennegrecer y marikear las posiciones y las miradas que en la actualidad surgen desde las organizaciones, espacios y entornos académicos, con matriz analítica feminista. Esos dos trabajos se constituyen en la primera entrada de esta propuesta de Grupo de Trabajo, que se desarrolla a través de varios estudios que contribuyen a entender los elementos ideológicos del racismo patriarcal, interseccionados con condiciones de clase y sexo. Es precisamente desde esa articulación donde se sustenta la larga duración de las violencias sobre los cuerpos de las mujeres; las expropiaciones de sus sostenimiento alimentario, a través de la gourmetización y la gentrificación; las diferentes trabas generadas por los procesos migratorios a lo largo del continente americano; la deficiencia en los servicios de salud que reciben, especialmente los obstétricos; y la ausencia de sus nombres en los libros de textos escolares. Ese conjunto de realidades continúan apareciendo como problemas estructurales que deben ser abordados por los estudios de género con perspectiva feminista. En este grupo de trabajo proponemos profundizar en las discusiones de la presencia y el papel que ha sido otorgado a las mujeres afrodescendientes de varios países de América Latina y el Caribe en la historia en la historiografía y los sistemas educativos oficiales. También nos interesa poner



V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

en tensión las políticas públicas migratorias y de salud que estas mismas mujeres deben enfrentar para brindar soluciones a las realidades políticas de sus países, o a las situaciones socioeconómicas coyunturales que aparecen en algunas latitudes de nuestro continente. Los aportes teóricos del feminismo y de la interseccionalidad se constituyen en las herramientas analíticas transversales a la profundización y cualificación analítica que estamos proponiendo en este Grupo de Trabajo.

Palavras-Chave: Salud reproductiva; Gourmetización/gentrificación; Feminismo decolonial e interseccional; Etnoeducación; Migración; Racismo patriarcal.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Gênero e Sexualidade

30. Masculinidades negras em questão: discutindo sexualidades, raça, classe social, faixa etária, territorialidades, religião, entre outras

Paulo Melgaço Silva Júnior

A proposta central deste Grupo Temático é refletir sobre gênero, sexualidades e relações raciais, a partir dos referenciais sobre masculinidades negras. Ao longo dos últimos observamos uma série de discussões que buscam tensionar/questionar os modelos hegemônicos e normas essencializadas de masculinidades, apresentando outros modelos e possibilidades de ser e estar no mundo. Em específico, enfatizando trabalhos que buscam justamente iluminar as masculinidades ditas “dissidentes”. Ao interseccionar masculinidades e raça, podemos perceber como as masculinidades foram construídas e disseminadas a partir de estereótipos e de referenciais cisheteronormativos. Neste momento, podemos perceber como homens negros estão colocando estes modelos em questão e construindo, discutindo e apresentado seus próprios caminhos de inserção e lutas em prol do reconhecimento e valorização das diferenças. O objetivo é analisar como as questões relativas a gênero, sexo, classe social, escolaridade, paternidades, negritude, entre outras, circunscrevem os diferentes homens negros. Com isso, buscamos colocar em questão a visão essencialista construída a partir de um modelo de homem negro exclusivamente como heterossexual, cisgênero e hipersexualizado e mostrar as múltiplas possibilidades de se construir e discutir as masculinidades negras. Ora, nosso interesse é ventilar as diferentes performances que homens negros assumem no mundo contemporâneo. Ou seja, queremos iluminar as narrativas, os embates e as demandas de outros grupos sociais para além dos heterossexuais, tal qual, gays negros, bissexuais, veados, bixas pretas e as transmascunidades negras e suas interseccionalidades no contexto brasileiro. Neste espaço pretendemos interrogar de que maneira essas masculinidades negras desenvolvem suas estratégias políticas, discursivas e práticas e, com quais objetivos estas se situam em relação a outros grupos sociais. Estas serão algumas das questões que perpassarão essa Seção Temática e que constituem o cerne das contribuições aqui sugeridas para os estudos das masculinidades negras e que nos permitirão compreender como o campo das masculinidades negras vem ganhando forma nas últimas décadas.

Palavras-chave: Masculinidades negras; Interseccionalidades; Sexualidades; Raça.

31. Mulheres negras, processos de luta e resistência nos territórios rurais na América Latina

Ana Paula Inacio Diorio, Maíra Lopes dos Reis

A formação socioterritorial do Brasil e da América Latina é marcada por desigualdades étnicas, raciais e de gênero. Nessa estrutura, predomina uma elite agrária branca, que

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

dominou e produziu violências para as mulheres negras e indígenas, em sua maioria, camponesas. Para essas mulheres, a realidade brasileira e latina americana é de segregação associada à perda de direitos na luta pela demarcação das terras indígenas e quilombolas, deste modo, os feminismos negros e decoloniais podem denunciar a imbricação estrutural do racismo, machismo, patriarcado, sexismo e da luta de classes e as explorações que atravessam a tragédia da escravidão e perpassam pela práxis feminista de mulheres negras e rurais até a modernidade cujo modo de funcionamento das sociedades ainda é regido pela exploração do trabalho no campo, na concentração de terras e bens da natureza, a negação de direitos à Educação do Campo, a segurança e a soberania alimentar e nutricional, entre outras ausências. O GT Mulheres negras, processos de luta e resistência nos territórios rurais na América Latina se propõe a discutir, num espaço coletivo de debate, as temáticas que têm sido fundantes para o fortalecimento dos movimentos de mulheres negras rurais, quilombolas e a reprodução de suas vidas em seus territórios, como: as questões de gênero, sexualidade, classe, raça-etnia e gerações; feminismo negro, decoloniais e processos de lutas na América Latina e a defesa dos territórios rurais; movimento de mulheres camponesas e Agroecologia, questão agrária e ambiental, lutas e movimentos sociais e sindicais e o trabalho no campo; geração de renda; segurança alimentar e nutricional; grupos produtivos de mulheres rurais, agricultura familiar, campesinato negro, associativismo e cooperativismo; pesca artesanal e os diferentes modos de reprodução da vida no campo; reforma agrária; pobreza e desigualdades de gênero, direitos sociais, políticas públicas, Educação do Campo e Educação escolar quilombola e juventude camponesa.

Palavras-chave: Mulheres rurais; Gênero; Territórios; Feminismos.

32. Las mujeres negras/afrodescendientes en los procesos de emancipación en América Latina y el Caribe. Perspectivas históricas y contemporáneas

Anny Ocoró Loango, Joselina da Silva

A pesar de que su historia en las américas ha estado marcada por múltiples formas de opresión, discriminación y racismo heredadas de la experiencia colonial, las mujeres negras, realizaron importantes aportes a los procesos de emancipación de América Latina y el Caribe, y contribuyeron a romper el sistema esclavista a través de sus luchas cimarronas (Ocoró, 2019). Estas mujeres participaron activamente en la lucha por la libertad y desempeñaron un rol protagónico en la resistencia contra el orden colonial-esclavista, tanto en las luchas por la independencia como en guerras civiles de los países latinoamericanos. También en la actualidad hacen parte de distintos procesos organizativos sociales y comunitarios que promueven horizontes progresistas para sus comunidades, y para la sociedad en general. No obstante, estas resistencias han sido poco estudiadas, poco valoradas y muy poco difundidas, al punto que aún hoy se sigue sosteniendo que los procesos libertarios los impulsan solo hombres blancos, pertenecientes a las clases altas de la sociedad. Si bien, en las últimas décadas, las mujeres negras/afrodescendientes han conquistado espacios importantes, estas mujeres aún experimentan múltiples situaciones de subalternidad, vinculadas al sexismo y al



V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

racismo, propio de una región que ha negado lo afro y lo indígena. El racismo reproduce jerarquías que limitan el acceso de las mujeres negras al pleno goce de sus derechos. En muchos casos, continúan a la sombra de la historia oficial y de la vida presente, siendo relegadas por cuenta de la cultura patriarcal y racista de nuestras sociedades. Partiendo de lo anterior, est Grupo de Trabajo se propone identificar las resistencias y luchas que las mujeres negras han sostenido, y aún sostiene, contra la opresión colonial, sexista, racista y patriarcal, visibilizando sus luchas y sus históricas resistencias libertarias en América Latina y el Caribe. Busca romper tanto la invisibilidad histórica de su accionar, como el silencio sobre su situación actual, vulnerada por la opresión, la desigualdad étnico-racial y de género, y el racismo. De este modo, se espera que en este Grupo de Trabajo se discutan y problematicen los siguientes temas, en perspectiva histórica o contemporánea: historia de las mujeres negras/afrodescendientes y sus luchas en América Latina y el Caribe en procesos históricos o contemporáneos; desigualdad y violencias contra las mujeres negras en sus múltiples manifestaciones; género, raza, clase y subalternidad; movimientos de mujeres negras/afrodescendientes en la actualidad: debates y desafíos; aportes de las maestras y poetas negras/afrodescendientes en la configuración de los procesos etnoeducativos del siglo XX; docentes, investigadoras y pensadoras afrodescendientes, y sus luchas en el campo académico; representación y visibilidad de las mujeres académicas negras/afrodescendientes en la producción de conocimiento; feminismos negros y antirracismos; estudios interseccionales sobre las mujeres negras/afrodescendientes; activismos afrofeministas en las redes sociales.

Palavras-chave: Mujeres negras/afrodescendientes; Procesos de emancipación en América Latina y el Caribe; Feminismos negros; Cimarronismo.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Democracia e Incidência Política

33. Políticas públicas de enfrentamento ao racismo, sistema de justiça e democracia na América Latina

Vanessa Santos do Canto, Ilzver de Matos Oliveira

Os Estados que constituem a América Latina (Gonzalez, 1988) têm sido cada vez mais demandados a enfrentar o racismo estrutural e institucional em suas sociedades por força da atuação dos movimentos sociais negros, tendo em vista o passado escravagista compartilhado que configurou a diáspora africana nas Américas. Neste sentido, ressaltamos que o conceito de América Latina é uma proposta teórica da intelectual negra Lélia Gonzalez (1988a) de substituir a ideia de América Latina por um conceito que tenha uma perspectiva afrocentrada. No texto A categoria político-cultural de amefricanidade, a autora desenvolve seu argumento afirmando que somos amefricanos e que falamos o português. Que os povos africanos da diáspora são povos latinos, pois desenvolveram uma cultura e um falar específicos na América Latina. Assim, consideramos que os países compartilham um legado comum de déficit de cidadania (CANTO, 2022) para as populações amefricanas e, só recentemente, passaram a ser elaboradas políticas públicas para enfrentamento do racismo nestes países. Neste sentido, para conhecer tais políticas recomendamos a leitura de Políticas públicas para afrodescendentes: marco institucional en el Brasil, Colombia, el Ecuador y el Perú, elaborado por Rangel (2016). Diante deste contexto, ressaltamos que os movimentos amefricanos têm desenvolvido uma agenda política bastante abrangente na confluência da luta antirracista pautada na gramática dos direitos humanos (PIRES, 2013). Nos aspectos de incidência política e advocacy, a atual gramática do movimento negro está pautada em discursos que propugnam reconhecimento de seus direitos e efetividade dos direitos humanos. Assim, não obstante a resistência, as estratégias que constituem uma agenda política voltada para a efetividade dos direitos humanos fundamentais das populações negras amefricanas, o fato é que os sistemas de justiça desses Estados não têm enfrentado adequadamente o racismo que estrutura suas sociedades. Dessa forma, o presente grupo de trabalho receberá trabalhos resultantes de pesquisas e ações de ensino, pesquisa e extensão que abordem a problemática da efetividade dos direitos humanos fundamentais das populações negras na América Latina desde a atuação dos seus sistemas de justiça, que, como sabemos não se reduzem ao Poder Judiciário, mas incluem também instituições dos Poderes Executivos e Legislativo.

Palavras-chave: Políticas Públicas; Antirracismo; Sistema de Justiça; Democracia.

34. (Anti)Racismo e Direito à Cidade

José Sena, Maria Aparecida Gomes Ferreira

O Grupo de Trabalho “(Anti)Racismo e Direito à Cidade” tem como proposta reunir

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

trabalhos que debatam as diferentes formas com que o racismo interfere no direito à viver, acessar e ocupar a cidade. Compreenderemos o direito à cidade de modo amplo, perpassando desde o direito ao uso do espaço urbano até o acesso às leis, acesso às políticas públicas e de reparação histórica, garantia de proteção diante de violações de direitos humanos, dentre outros. Embora o conceito de direito à cidade tenha sido elaborado por Lefebvre (2001), seguiremos a perspectiva de Harvey (2004) para o qual o enfoque está na “atuação de sujeitos democráticos com poder democrático em pleno exercício de sua cidadania” (REZENDE/ANDARADE, 2022). Ao refletir sobre como a população negra e indígena em diferentes contextos da América Latina tem sido tratada como cidadã de segunda classe, ou mesmo sem cidadania, realidade decorrente do processo colonial, vemos a urgência de debatermos cada vez mais o funcionamento da persistência dessa “zona de não ser” (FANON, 1950) sobre sujeitos não brancos, assim como, pensarmos alternativas para a produção de um contraespaço (LEFEBRE, 2001), fundamentos nas lutas e resistências dessas populações. Já se passaram 20 anos, desde a histórica III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância correlata, ocorrida em 2003, em Durban, na África do Sul, e ainda temos muito a fazer para transformar o problema sério do racismo e suas formas de violação de direitos humanos contra diferentes pessoas por conta de suas aparências físicas, fenótipo e origem. Nesse sentido, este GT acolhe, inclusive, trabalhos que debatam o direito ao quilombo, à aldeia e à mobilidade dessas populações. Assim, o eixo central do debate é oportunizar diálogos e reflexões sobre as formas de funcionamento do racismo e seus efeitos na precarização da democracia e no direito de existir como cidadão.

Palavras-chave: Racismo; Raça, Direito à cidade; Interseccionalidade; Cidadania.

35. Desigualdades Socioeconómicas, Racismo en América Latina y el Caribe

Gersan A. Joseph Garzón, Arbey Bustamante

El régimen de colonización, el dominio territorial y el sometimiento cultural a través de la jerarquización racial, edificaron una pirámide social cuyo nivel más bajo era ocupado por los esclavizados de origen africano, y en cuya cima se ubicaban los lusohispanos. En la actualidad, los diferentes indicadores sociales muestran que las comunidades negras son víctimas de esta carimba que termina condicionando las trayectorias de vida. En lo concerniente a la población afrodescendiente, son los descendientes de los pueblos víctimas del comercio esclavista, denominado: Trata Transatlántica de Esclavizados, secuestrados de su tierra para ser traídos a América y el Caribe en condición de subordinación, explotación, invisibilización y exclusión social. Este grupo étnico aun padece las tasas de pobreza más altas en América Latina y el Caribe, enfrenta las mayores barreras para acceder a empleos formales con una remuneración justa, además de las restricciones para hacer efectivo el derecho al territorio. El estudio de la CEPAL (2020), titulado: “Afrodescendientes y la matriz de la desigualdad social en América Latina: retos para la inclusión”. Revela que existen importantes brechas en la incidencia de la pobreza entre países y entre los afrodescendientes y no afrodescendientes en cada uno de ellos. En este espacio de intercambio y reflexión, vamos a desarrollar análisis en perspectiva

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

interseccional de los diferentes ejes de desigualdad que afectan a estos grupos étnico-raciales que en adelante destacaremos como Grupos Históricamente Vulnerados, ya que han sido las víctimas de la colonización, el esclavismo, el racismo, la exclusión social, y la discriminación. El examen de las desigualdades étnico-raciales, la situación que sufren estas poblaciones y sus descendientes, también se abordará desde las Políticas Públicas con enfoque diferencial. Objetivo General: caracterizar los diferentes ejes de desigualdad, exclusión, racismo y discriminación, que enfrentan las poblaciones históricamente vulneradas, en América Latina y el Caribe: indígenas y afrodescendientes.

Palavras-chave: Colonialidad, Desigualdad; Racismo; Población Afrodescendiente; Economía; Políticas Públicas; Interseccionalidad; Discriminación; Exclusión.

36. Direito e Relações Raciais

Renato Ferreira

Nos últimos anos os movimentos sociais negros, por meio de suas instituições e das mais variadas estratégias de mobilização, pautaram a temática racial conseguindo o reconhecimento político de suas demandas perante governos e a sociedade quanto à necessidade da promoção de seus direitos. Neste sentido, a promoção da igualdade racial foi pautada junto aos poderes que constituem a República e tornou-se uma questão de Estado. O Poder Legislativo Federal aprovou o Dia da Consciência Negra (Lei 12519/2011), tal data já é feriado em várias cidades do país, o legislador também aprovou o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/10), a lei cotas nas universidades (Lei 12.711/12) e nos concursos públicos (Lei 12.990/14), além da obrigatoriedade do Ensino da História da África e Indígena nas escolas (Art. 26, A. Lei 9394/96). O Poder Executivo criou a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Medida Provisória nº 111/2003), a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Decreto 4.886/2003) e o Decreto 4887/03 que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Por fim, o Poder Judiciário via Supremo Tribunal Federal conferiu estabilidade jurídica institucional ao processo de promoção da igualdade dos negros, ao declarar constitucionalidade do sistema de cotas por unanimidade, dentre outras decisões importantes para a temática racial. A temática racial tornou-se um fato social poderoso no sistema de justiça. As ações judiciais necessárias para a efetividade dos direitos fundamentais dos afro-brasileiros afirmaram-se nos últimos anos como uma questão estratégica e um dos grandes desafios para os Direitos humanos. Muito embora as ações e políticas públicas para promoção da diversidade racial no Sistema de Justiça já sejam um fato social poderoso, o conhecimento crítico sobre esse tema, ainda precisa ser muito desenvolvido. Não há muitos cursos de pós-graduação e são raras as disciplinas voltadas para o estudo e a pesquisa desta temática nas faculdades de Direito. Essa atmosfera de conhecimento pautada na valorização da diversidade racial no Judiciário ganha cada vez mais notoriedade pública e necessita ser melhor estudada. Constatamos uma crescente demanda dos mais diversos profissionais interessados em aprimorar o conhecimento acerca dos desafios, impactos e desdobramentos para o estudo do Direito e as Relações



V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Raciais e a promoção da diversidade racial no Poder Judiciário. Por isso é preciso discutir, pesquisar, publicar, além aprimorar profissionais para que possam compreender as ações estratégicas práticas e teóricas sobre as políticas antirracistas no sistema de justiça e promoção da diversidade racial.

Palavras-chave: Direito relações raciais; Direito antidiscriminatório; Diversidade racial no judiciário.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

Saúde

37. Saúde mental e as interseccionalidades em relações étnico-raciais, gêneros e sexualidades na atenção psicossocial

Ana Paula Procopio da Silva, Marco José de Oliveira Duarte

O GT tem como proposta constituir um espaço de (re)conhecimento, espanto e debate crítico sobre as interseccionalidades em relações étnico-raciais, gêneros e sexualidades que configuram racismo, sexismo e lgbtqiapn+fobia como determinantes do sofrimento psíquico, considerando como processos disparadores das reflexões: racismo estrutural, branquitude, formação social e a produção de subjetividade; práticas sociais do biopoder, atenção psicossocial e o cuidado em saúde mental. A perspectiva em tela é norteadas também pelo reconhecimento de que as violências materializadas em racismo, sexismo e lgbtqiapn+fobia afetam as pessoas que acessam os serviços de saúde como usuárias e as trabalhadoras/es cujos corpos carregam dimensões de vida que são vivenciadas como desigualdades e condições de exploração e opressão. Uma direção de análise que aponta a urgência da incorporação das dimensões étnico-raciais, de gêneros e sexualidades como conteúdo subjetivo preponderante nos processos de trabalho na atenção psicossocial e a construção do antirracismo, do antissexismo e da anti-lgbtqiapn+fobia institucionais como estratégicos para o enfrentamento da ofensiva conservadora atualmente em curso contra a política de saúde mental pública e antimanicomial. A base teórico-metodológica adotada tem a interseccionalidade como teoria social crítica, nos termos de Patricia Hill Collins, como um fundamento, o que informa a centralidade do racismo estrutural a partir das mediações entre a formação sócio-histórica estruturada em 388 anos de escravidão e num pós-abolição inconcluso e a produção das subjetividades social-singulares que organizam as práticas sociais dos diversos e desiguais segmentos sociais, bem como das Instituições em que circulam. Assim, em que pese o caráter progressista da Reforma psiquiátrica brasileira e da Luta antimanicomial, a ambiguidade do racismo no país constituída pelo mito da democracia racial é um mecanismo da negação que atua para encobrir no inconsciente institucional os inconfessáveis pensamentos e sentimentos não somente racistas, mas sexistas, homofóbicos e transfóbicos, que ao barrarem no cotidiano a incorporação do enfrentamento às opressões como uma prática de saúde, mostra sempre muito mais do que oculta. Assim convocamos para este GT grupos e sujeitos que apostam na diversidade de saberes (antropologia, sociologia, filosofia, psicanálise, psicologia, psiquiatria, história etc.) e experiências no campo da Saúde Mental e da Atenção Psicossocial e com disposição para compartilhar ideias, conceitos, pesquisas, estratégias, inovações metodológicas e relatos de práticas, enfim que almejem a radicalização do cuidado em saúde mental na direção antimanicomial, antirracista, antipatriarcal, antiproibicionista, decolonial e emancipatória.

Palavras-chave: Gênero; Interseccionalidades; Relações étnico-raciais; Saúde mental; Sexualidades.

V COLÓQUIO RAÇA E INTERSECCIONALIDADES



I CINALC - Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos y del Caribe



25, 26, 27 e 28 de junho de 2024 - Rio de Janeiro

38. Racismo e saúde: diálogos, perspectivas e desafios para construção de espaços plurais de cuidado

Eduardo Sodré de Souza, Lina Berrio

Reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como um determinante social, o racismo resulta em piores resultados em saúde para pessoas negras. A saúde mental e violência obstétrica, por exemplo, refletem as disparidades que incidem sobre as mesmas. Os desafios e lacunas existentes, a saber, a formação profissional deficiente, a assistência em saúde precária inacessível e a baixa produção de conhecimentos sobre a saúde destas pessoas, se inserem em um contexto determinado por questões complexas, especialmente numa região com as desigualdades da América Latina. Partindo da compreensão e adoção de um conceito ampliado de saúde, contemplando a compreensão da noção de território para além de delimitações geopolíticas, este Grupo de Trabalho considera e contempla espaços institucionais, domésticos, comunitários ou coletivos nos quais se configuram práticas institucionais e saberes populares no campo da saúde. Sendo assim, este Grupo de Trabalho (GT) pretende discutir aspectos teórico-práticos que envolvem a produção de vida e de cuidado a partir destes/nestes territórios ou os espaços formais e informais de práticas de cuidado em saúde. Abordagens teórico-metodológicas que utilizem a integralidade e interseccionalidade como ferramentas analíticas podem contribuir com o debate. Serão estimuladas propostas nas quais hajam diálogo e trocas de experiências, reflexões e resultados de pesquisas entre estudantes, pesquisadoras/es, profissionais dos serviços, gestoras/es e integrantes de coletivos e/ou de movimentos sociais. A partir deste encontro plural entre conhecimentos acadêmicos e saberes populares, espera-se que as discussões possam contribuir para adensar as discussões sobre a integralidade e interseccionalidade como lentes que podem ampliar concepções e práticas de cuidado, com enfoque em populações vulnerabilizadas. As propostas podem ser enviadas com foco na dimensão investigativa sobre a análise de problemas de saúde, contemplando aspectos assistenciais, educativos, metodológicos, gerenciais ou reflexões sobre experiências concretas de ação desenvolvidas. Trabalhos que discutam a saúde mental, violência obstétrica, racismo que incidem sobre a população negra serão priorizados.

Palavras-chave: Cuidado em Saúde; Saúde Mental; Racismo; Violência Obstétrica; Pessoas e Grupos Vulnerabilizados.